

A RESPOSTA ZAPATISTA FRENTE AO NAFTA: ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES ORIGINÁRIAS NA LUTA ARMADA EM CHIAPAS

Autora: Laura Marquesan Eschberger, ESPM-Sul
Orientador: Cristian Jobi Salaini



INTRODUÇÃO

O trabalho em questão propõe-se a estudar a atuação feminina nos movimentos das populações originárias de Chiapas. O caso que será estudado em profundidade é a revolta armada do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em resposta aos acordos impostos pelo North American Free Trade Agreement (NAFTA) em 1994, episódio que deu uma maior visibilidade ao zapatismo.

OBJETIVOS

- Compreender a relação político-social entre os EUA e o México;
- Identificar quais eram os interesses e reivindicações em torno do NAFTA;
- Apontar os impactos do Tratado dentro do território mexicano;
- Compreender a estruturação e as reivindicações do Movimento Zapatista;
- Analisar a participação feminina dentro do Movimento sob uma leitura feminista Decolonial.

Compreender como se deu a participação feminina na luta armada e de forma organizativa dentro do Movimento Zapatista após a homologação do NAFTA.

METODOLOGIA

A pesquisa será de cunho exploratório, pois tem como objetivo o aprofundamento de temas abordados anteriormente. O método utilizado será o qualitativo, pois não serão desenvolvidos dados numéricos para alcançar o resultado proposto; logo, será utilizado bibliografia secundária já existente, ocasionalmente, será feito uso de alguns documentos primários do governo mexicano e estadunidense no que tange as propostas do NAFTA em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conceito de democracia e sociedade na América Latina foi desenvolvida através de uma perspectiva europeizada, isto é, segue um modelo que é tido como o "ideal". No México, a pressão vinha de ambos os lados, tanto da Europa, como dos EUA, que por possuir um grande território fronteiriço com o país latino o enxerga como uma região extremamente estratégica. Historicamente, a relação dos países vizinhos foi conturbada, inicialmente pela cessão de uma enorme parcela do território mexicano, seguida das políticas expansionistas e intervencionistas estadunidenses, até a instauração do NAFTA. A rebelião eclode com a homologação do Tratado em 1994, pois não vê representatividade nas instâncias de poder, devido a falta de comprometimento do governo para com as comunidades indígenas e os camponeses, que durante anos reivindicam por territórios que foram expropriados e jamais vêem a instauração das leis indigenistas propostas. Sob uma leitura teórica Decolonial, apontada como a mais cabível dentro do espectro político e geográfico do tema em questão, busca-se analisar como a universalização é utilizada como ferramenta de colonialidade e, através de um contexto histórico, buscando identificar os atores envolvidos e os seus interesses com a firmação do NAFTA, apontar o porquê do EZLN ter uma simbologia tão forte para o povo mexicano. Para além da reivindicação das terras e a busca pela preservação da cultura e dos direitos indígenas, o Movimento, com o lema de "Ya Basta! Nunca más un México sin nosotros!", serviu como um catalisador das demandas das mulheres indígenas tanto dentro das comunidades, como no âmbito nacional e até mesmo internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASANOVA, Pablo González. Los Zapatistas del Siglo XXI. Revista Convergência, 2001.
- CASTILLO, R. Aida Hernández. Zapatismo and the Emergence of Indigenous Feminism. NACLA, New York, v. , n. 6, p.39-59, 2002.
- GILLY, Adolfo. La Revolución Interrumpida. 3 ed. México: Era, 2000.
- GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós- coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tabula Rasa, Bogotá, n. 04, p.115-147, jan. 2008.
- HOLLOWAY, John. O Zapatismo e as Ciências Sociais na América Latina. Rumos, Novos Zapatistas: rebellion from the grassroots to the global. Londres: v. 36, p.1-10, 2002.
- LUGONES, María. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. Revista Internacional de Filosofía Política, Izatapalapa, n. 25, p.61-76, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.